

MONTE, L. *Atlantis. L'isola misteriosa. Una rilettura dell'intramontabile mito del continente scomparso*. Genova: Ecig, 2004, 228 p., 45 ils.

*Maricé Martins Magalhães**

A história da legendária e poderosa ilha chamada Atlântida, contada pelo grande filósofo grego Platão há mais de 2.000 anos em dois dos seus diálogos, o *Timeu* e o *Crítias*, faz parte hoje do nosso imaginário; mesmo que não queiramos aceitar, cada vez que ouvimos narrá-la ou a lemos, a 'lenda' desperta o nosso interesse, acende a nossa fantasia e imaginação. Também Luana Monte, doutora em Letras, jornalista e autora do volume, não foge ao fascínio desse nome mítico, e no seu texto (darei até corajosamente) se coloca à procura daquilo que de real e concreto pudesse haver atrás da lenda, quase como um detetive, examinando e levando em consideração os vários elementos, submetendo-os ao crivo da razão, da ciência, das fontes históricas e literárias, dos achados arqueológicos; assim expõe no seu livro uma teoria realística, que recalca com originalidade aquela já conhecida sobre a localização de Atlântida em Creta e a sua relação com o lugar associado às chamadas Colunas de Hércules.

Platão afirma que 9.000 anos antes de Sólon, um poderoso império marítimo, localizado além das "Colunas de Hércules", entrou em conflito

* Quando propôs a resenha, era então professora visitante da Faperj no Laboratório de História Antiga (LHIA) e no Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC) do Departamento de História da UFRJ. Atualmente, é pesquisadora no Museu Histórico Nacional.

com Atenas; depois, devido a um grande cataclisma, afundou entre as ondas do mar e desapareceu. A autora recorda que, se não foram encontrados até hoje restos arqueológicos seguramente atribuíveis a essa ilha desaparecida, temos, no entanto, testemunhos da cidade de Atenas, da qual conhecemos a história e o desenvolvimento de maneira bastante detalhada; e podemos afirmar que há 9.000 anos, Atenas não existia: de fato, os seus mais antigos resquícios são datáveis dos primeiros séculos do III milênio a.C., mas somente por volta de 1.600-1.500 a.C. Atenas teria assumido um perfil de civilização. Segundo Diodoro Sículo, na realidade o tempo na Antiguidade era calculado com base nas fases da Lua, de maneira que um ano durava trinta dias. Refazendo os devidos cálculos, o desaparecimento de Atlântida seria situado por volta da metade do II milênio a.C., época na qual o grau de cultura atribuído pelo filósofo à ilha (uso da escrita, manufatura dos metais, existência da própria Atenas, etc.) parece mais plausível.

Desde quando Platão escreveu essa história e até os nossos dias, os homens se perguntam se ele narra um acontecimento de pura fantasia ou se encerra em si um núcleo qualquer de realidade, onde a ilha original seria procurada. Para a sua identificação já foram propostas terras submersas em todas as latitudes e longitudes: no Oceano Atlântico, no Mar do Norte, junto às Bahamas, na África, na Antártida, no Japão, no Mar Negro, na Inglaterra, na Bolívia e em várias localidades da bacia Mediterrânea (na Sardenha, junto ao estreito de Gibraltar, em Malta, perto de Chipre, na Grécia). Ainda se discutiu por muito tempo sobre a natureza do evento que destruiu Atlântida: muitos pensaram no recuo das geleiras da última glaciação, que teria provocado um aumento do nível do mar de cerca de cem metros, e que conseqüentemente teria submergido várias extensões de terras: este degelo, no entanto, requer milhares de anos, enquanto Platão fala de um fenômeno que acontece no período de um dia e uma noite, ou seja, repentinamente.

Com relação aos conhecimentos históricos e geográficos da época, e àquilo que poderia ser o mundo de Platão (e de seu predecessor Sólon), a autora pensa que a hipótese mais atendível e verossímil seja aquela anunciada no século passado, que reconhece em Creta e no mundo minóico a Atlântida platônica (ou pelo menos a fonte inspiradora do relato) e na erupção do vulcão de *Thera* (Santorini) a causa do seu desaparecimento; passa então a examinar a vida, os costumes, as lendas, as fontes relativas à civili-

zação que floria em Creta e nas ilhas gregas em torno a 1.500 a.C., as possíveis semelhanças com a ilha, as relações entre aquele império e os egípcios, que são a fonte primária do relato, aqueles que narraram a história a Sólon, por volta de 590 a.C. A autora passa depois a considerar as Colunas de Hércules, recordando que, se nos últimos 2.000 anos essas foram identificadas com o Estreito de Gibraltar, precedentemente na realidade existiam muitas dúvidas sobre o que fossem e onde localizá-las: havia quem afirmasse que elas não eram de fato ‘colunas’, mas duas ilhas; havia quem as associasse a dois promontórios na Grécia; havia ainda quem as localizasse no canal da Sicília, na direção de Pantelèria ou nas imediações de Malta e Lampedusa, ou, enfim, no estreito de Messina. Na **Odisséia**, encontramos um aceno às Colunas de Atlas, enquanto com base nas fontes literárias que conhecemos, o primeiro grego que nos fala das Colunas de Hércules é Píndaro, na **III Olímpica** (476 a.C.).

Na obra **Atlantis**, a autora expõe a sua original hipótese que a leva a identificar a foz do rio Nilo, o templo e a cidade de *Herákleion* com os lugares mencionados a Sólon pelo sacerdote egípcio. De fato, quando o filósofo no **Timeu** fala pela primeira vez da ilha, precisa que ela se encontrava em frente a um lugar ligado ao nome de *Heraklés*, e, para designar a natureza daquele lugar, usa o termo *stóma*, que tem significados diferentes, mas parecidos entre si: rosto, boca, voragem, abertura, entrada, embocadura, foz. Assim, diante das palavras de Platão, diferentes são as traduções: “em frente ao estreito”, “diante daquela boca”, “diante daquela foz”...

Ora, quando Sólon foi a Saís no século VI a.C., o sacerdote egípcio não podia conhecer a denominação “Colunas de Hércules”, como já vimos, usada pela primeira vez na Grécia mais de um século depois, em 476 a.C. Ao narrar os acontecimentos de Atlântida, ao posicioná-la geograficamente, ele não fazia alusão a um lugar longe de Saís, mas a um lugar consagrado a Hércules, que era muito familiar a ele, e que se encontrava no próprio Egito, com as suas colunas ou o porto de *Herákleion*, onde surgia o santuário: provavelmente terá dito a Sólon que – a oeste da foz mais ocidental do Nilo, “em frente à embocadura”, além do porto egípcio de *Herákleion* – houve uma grande ilha Atlântida (isto é, Creta), e da qual poder-se-ia passar a outras ilhas (as Cíclades), e assim ao continente que se encontrava do lado oposto (a costa da Grécia); depois esta terra foi submersa pelo mar por causa da erupção do vulcão em *Thera* (Santorini). Os egípcios, natural-

mente, tomaram conhecimento do ocorrido, mas de maneira muito aproximada e incompleta; depois as notícias transmitidas aos póstumos certamente não foram compreendidas corretamente, e chegaram a Sólon, e então a Platão de forma confusa e distorcida, entrando a ilha – idealizada e transfigurada em “mundo ideal” – no mito.